SGB

RELATÓRIO DE PESQUISA DE CAMPO - "EXPULSÃO" DO PESQUISADOR STEPHEN GRANT BAINES E SUA ASSISTENTE VERENILDE SANTOS PEREIRA DA ÁREA INDÍGENA WAIMIRI-ATROARI

Projeto: "Os Waimiri-Atroari na Etnologia Carib"
Autorização para Ingresso em Área Indígena: FUNAI, Número APL 89/073/603 de 08 de junho de 1989.
Responsável pelo trabalho: Stephen Grant Baines - pesquisador bolsista de Desenvolvimento Científico Regional - Departamento de Ciências Humanas - Antropologia, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém- Pará
Patrocinador: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Assistente de Pesquisa: Verenilde Santos Pereira - bolsista de Aperfeiçoamento Científico, DCH- Antropologia, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém - Pará.
Localização da Pesquisa: Área Indígena Waimiri-Atroari (AM/RR).
Objetivo: Dar continuação, como pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, às pesquisas etnológicas realizadas junto ao grupo indígena Waimiri-Atroari, no período de 1982 a 1985, abrangendo um total de aproximadamente dezessete meses de pesquisas etnológicas no território indígena. As pesquisas resultaram em relatórios e vocabulário entregues à FUNAI, e na tese de doutorado: "É a FUNAI que sabe: A Frente de Atração Waimiri-Atroari", orientada pelo Professor Julio Cezar Melatti, do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Esta tese foi defendida e aprovada na UnB em março de 1988, e uma cópia entregue à FUNAI.
Autorização para Expedição Científica nº EX-06/89 de 15 de maio de 1989, CNPq.
Responsável pela Expedição: Roberto Maria Cortez de Souza
Participante Estrangeiro: Stephen Grant Baines
Participante Brasileira: Verenilde Santos Pereira

Histórico da Pesquisa

A solicitação de ingresso em área indígena para a realização da pesquisa científica, assinada pelo pesquisador em 28 de novembro de 1988, junto com a carta de apresentação do Museu Paraense Emílio Goeldi, datada de 06 de dezembro de 1988 e todos os documentos necessários, foram encaminhados à FUNAI e ao CNPq em dezembro de 1988.

Em 15 de maio de 1989 o pesquisador foi informado pelo CNPq, em Brasília, que a solicitação para ingresso em área indígena havia sido aprovada pelo CNPq, FUNAI e SADEN (Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional) e que ela seria encaminhada novamente à FUNAI, que deveria enviá-la ao pesquisador para que a pesquisa fosse iniciada a partir do dia 01.06.89.

No dia 08 de junho de 1989, o pesquisador foi notificado pela APL da FUNAI, em Brasília, que a autorização já havia sido assinada pelo Presidente da FUNAI, "apesar de certas pessoas haverem tentado colocar exigências além da sua competência com relação à emissão da mesma", segundo declarações de um funcionário daquele setor. No dia 18 de maio uma cópia da Autorização para Expedição Científica chegou ao Museu Paraense Emílio Goeldi, com informação de que a "original da Autorização em questão, deverá ser enviada ao S.r. BAINES através da FUNAI, juntamente com a Autorização para Ingresso em Área Indígena" (MPEG - Diretoria Protocolo Nº 010/89 de 18 de maio de 1989).

Após solicitar à APL, em Brasília, que a autorização fosse encaminhada para a 5ª Superintendência Regional - SUER-FUNAI-Manaus, o pesquisador prosseguiu, no dia 09.06.89, junto com a assistente de pesquisa, Verenilde Santos Pereira, para a cidade de Manaus. A ida imediata teve como objetivo a compra de material de pesquisa, cujo financiamento foi obtido com o Auxílio à Pesquisa, Ref. 403792/88-6/PQ/FC - Projeto: Os Waimiri-Atroari na Etnologia Carib, concedido pelo CNPq, em 03 de outubro de 1988 e liberado em 05 de dezembro de 1988.

A autorização só chegou à 5ª SUER-FUNAI, Manaus, em 21 de junho. Porém, o pesquisador e sua assistente aproveitaram este período para, além da compra de todo o material de pesquisa, entrar em contato com os integrantes do Programa Waimiri-Atroari.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. WTD00106

Acervo ISA

SGB

O referido Programa é resultado do convênio firmado entre a FUNAI e a Eletronorte, em 1987, e seu escritório administrativo e alojamento dos Waimiri-Atroari estão localizados na rua Coração de Jesus nº 234, no bairro de São Raimundo, em casa alugada pela Eletronorte. Conforme informações prestadas por funcionários do Programa Waimiri-Atroari, existe um Comitê Consultivo da Eletronorte integrado pelo Sr. José Porfírio Fontenele de Carvalho, funcionário da Eletronorte, e que realiza a supervisão do programa e Sr. Raimundo Nonato Nunes Corrêa, funcionário da FUNAI, Coordenador do Programa e Chefe do NAWA (Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari), conforme Portaria Presidencial 2372 de 15/07/87. O Programa abrange três sub-programas: o Educacional, coordenado pelo Sr. João Batista da Silva Oliveira, conhecido como "João das Letras", funcionário da Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC); o sub-programa de Saúde, então coordenado pelo Dr. Rômulo Cézar Saboia Moura, ex-funcionário do Instituto de Moléstias Tropicais de Manaus e atualmente funcionário da Eletronorte e o sub-programa de Produção e Meio Ambiente, coordenado pelo Sr. Rodrigo, da Universidade do Amazonas. O financiamento do Programa Waimiri-Atroari é feito pela Eletronorte, com verba do Banco Mundial, e tem previsão para 25 anos de duração.

No dia 9 de junho, o pesquisador e sua assistente dirigiram-se à 5ª Superintendência Regional-FUNAI, quando foram informados que a autorização não havia chegado de Brasília. Voltaram no dia 12 de junho, quando então o funcionário Luis Carlos e o Chefe de Gabinete do Superintendente, Sr. Francisco Alves da Silva, disseram que entrassem em contato com o Sr. Raimundo Nonato Nunes Corrêa, Coordenador do Programa Waimiri-Atroari.

Primeira Entrevista com o Coordenador do Programa Waimiri-Atroari

Ao entrar no escritório do Programa, várias mulheres Waimiri-Atroari mostraram-se alegres em rever o pesquisador, gritando "Stephen", "Stephen". Um funcionário ordenou que elas fizessem silêncio.

Os dois foram recebidos no Programa Waimiri-Atroari pelo próprio Coordenador Raimundo Nonato, na presença do Sr. "João das Letras", do Sr. Rodrigo e da professora Maria Carmem Rezende, do Sub-programa Educacional. Desde o início o Sr. Raimundo Nonato avisou: "Nós, indigenistas, somos contra trabalhos antropológicos", alegando que estes não trazem nenhum retorno imediato para os índios. Disse que esses trabalhos são, em sua maioria, acadêmicos e que os antropólogos, com exceções, vêm escrevendo coisas que não trazem vantagens para os indígenas.

Em seguida, o Sr. Raimundo Nonato xerocou a Autorização para Expedição Científica do CNPq e referiu-se à Comunicação Interna nº 159/NAWA/89, informando que ele havia mandado este documento à FUNAI e colocado certas exigências suas com relação à pesquisa. O pesquisador solicitou-lhe uma cópia deste documento mas Raimundo Nonato negou, alegando ser documento reservado. Não foi possível ler o conteúdo dessa comunicação.

Por outro lado, o Sr. "João das Letras" avisou que se o pesquisador e a assistente chegassem como "outro pacote da FUNAI" eles não iriam gostar, acrescentando que a FUNAI é outro ramo do poder do Governo e que eles, do Programa Waimiri-Atroari, estão lutando contra as ameaças para os índios. Ele omitiu de mencionar que a Eletronorte, também, é do Governo e que a construção da Hidrelétrica de Balbina e alagação de uma parte do território indígena é, em si, uma das ameaças para os índios.

O Sr. Nonato informou que eles, do Programa Waimiri-Atroari, não gostaram do fato de que a FUNAI não houvesse pedido ao pesquisador e sua assistente, para que entrassem em contato com a equipe do Programa, antes de autorizar a pesquisa. Já o Sr. "João das Letras" avisou que a equipe não queria ninguém na área que não trabalhasse junto com eles e informou, junto com o Sr. Raimundo Nonato, que não havia nenhum antropólogo na área, uma vez que não havia nenhum profissional do ramo na 5ª SUER-FUNAI. Alegaram que solicitar um antropólogo através da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) iria levar meses, então, descartaram esta opção.

Os Srs. Nonato e "João das Letras" disseram que não haviam recebido cópia da tese de doutorado do pesquisador, apesar de haver sido encaminhada uma cópia à FUNAI, ainda no ano passado. O Sr. Nonato avisou que na referida Comunicação Interna nº 159/NAWA/89, ele havia sugerido que fosse realizada uma reunião entre o pesquisador, sua assistente, representantes dos Waimiri-Atroari e dos órgãos que compõem o Programa Waimiri-Atroari (FUNAI, Eletronorte, SEDUC). Na oportunidade, seria discutida a proposta de pesquisa. A -

Acervo ISA

SGB

crescentou que eles haviam consultado as lideranças da aldeia Yawará, no Posto Indígena Terraplenagem (onde reside o "Capitão" principal Viana), e elas não haviam demonstrado interesse algum na realização da pesquisa.

O Sr. Nonato disse ainda que o pesquisador havia sido convidado para trabalhar na área dos Waimiri-Atroari, através da FUNAI e que ele não quis aceitar o cargo, parecendo que ele, o pesquisador, "só queria ir à área conforme sua conveniência". O pesquisador explicou que realmente tinha sido convidado para trabalhar na área, porém, o ex-Superintendente da 5ª SUER-FUNAI, Sr. Sêbastião Amâncio da Costa, havia lhe telefonado, em Brasília, três dias antes do vencimento do prazo para o pesquisador comparecer na Superintendência de Manaus. Além disso, o pesquisador explicou que naquela época não possuia visto permanente no Brasil, sendo portador, apenas, de visto temporário de estudante o que impossibilitaria a assinatura de um contrato de trabalho no Brasil.

O Sr. Raimundo Nonato frisou que não sabia destes detalhes e que soube deste convite para o pesquisador trabalhar na FUNAI através do próprio ex-Superintendente Sebastião Amâncio da Costa. Avisou também que o pesquisador poderia ser útil em sua participação como antropólogo, desde que trabalhasse junto com eles no Programa Waimiri-Atroari. Acrescentou não querer brigas entre instituições e que "nós trabalhamos sem interferência".

Inesperadamente, o Sr. "João das Letras" dirigiu-se à assistente de pesquisa e disse que mesmo sabendo que ela já havia realizado um trabalho com Egydio Schwade[1], isto não impediria que eles, do Programa Waimiri-Atroari, a aceitassem na área, caso fosse para desenvolver um trabalho de interesse para os índios.

Os Srs. Nonato e "João das Letras" exigiram uma reunião antes da permissão para a pesquisa, pois, segundo "João das Letras", a FUNAI sempre trabalha de cima para baixo, de Brasília para a área e, antes do Programa Waimiri-Atroari, os índios não foram consultados sobre a política na área. Afirmou que eles, do Programa Waimiri-Atroari, estão tentando inverter isso e deixar os índios participarem de todas as decisões na sua área. O pesquisador explicou que, anteriormente, sempre havia perguntado se os índios estavam de acordo com a pesquisa e que sempre havia agido conforme a vontade deles, inclusive ensinando-lhes a escrever sílabas e formar palavras quando eles pediam.

Segunda Visita ao Programa Waimiri-Atroari

Em outra ida do pesquisador e sua assistente ao Programa Waimiri-Atroari o Coordenador os avisou que teriam que esperar a chegada da autorização da FUNAI de Brasília, antes de marcar a reunião. Ele informou que havia 6 professores atuando na área e que deveriam entrar 9, atuando um em cada aldeia. Disse que existiam 52 servidores no Programa Waimiri-Atroari e que a população total destes indígenas, conforme as fichas de saúde, estava em torno de 450 indivíduos, demonstrando um crescimento muito alto nos últimos anos. O pesquisador mencionou que em 1983 a população total dos Waimiri-Atroari estava em cerca de 332 indivíduos. O coordenador informou que havia ocorrido 9 nascimentos em 1986, 17 em 1987, 24 em 1988 e que se previa entre 24 e 25 em 1989. Em 1986 a população era de 397 indivíduos.

Encontro com o Coordenador do Sub-Programa de Saúde

No dia 19 de junho o pesquisador e sua assistente marcaram encontro com o Dr. Rômulo, Coordenador do sub-Programa de Saúde. Enquanto esperavam a chegada do médico, os dois encontraram vários Waimiri-Atroari da aldeia Samaúma, no rio Curiuaú (transferidos da aldeia Tobïpïna, no igarapé Santo Antônio do Abonari, uma das aldeias atingidas pelas águas do reservatório da hidrelétrica de Balbina), que se mostraram alegres em rever o pesquisador e conversaram muito sobre matrimônios, óbitos, nascimentos e outros assuntos. Ao perguntar

(1) Egydio Schwade, missionário, iniciou um programa de alfabetização dos Waimiri-Atroari no Posto Terraplenagem. A assistente de pesquisa havia trabalhado com o Sr. Egydio, no passado, como jornalista, e nunca entrou na área dos Waimiri-Atroari nem participou do projeto de educação de Egydio Schwade. Este iniciou seu programa de educação em setembro de 1985 e foi expulso da área em dezembro de 1986. Em 1987 seu nome foi incluído numa campanha caluniosa feita pelo jornal "O Estado de São Paulo", baseada em documentos forjados.

Acervo ISA

a respeito de Tobïpïna, uma indígena jovem murmurou: "proibido".

Entre os indígenas presentes estava Elza - irmão dos "Capitães" Viana e Mário (Waimiri-Atroari) e que reside no aldeamento do Posto Alalaú Primeiro. Elza mostrou-se bastante receptivo, sentando-se ao lado do pesquisador e conversando muito.

Nessa mesma ocasião, um jovem do aldeamento Curiuaú carregava livros sobre suinocultura e criação bovina, com etiqueta "Convênio FUNAI/Eletronorte". Os Waimiri-Atroari, caçadores e horticultores da floresta tropical, não têm costume de criar animais para abatimento, o que é, por sinal, contrário aos seus costumes. Tais projetos pecuários partem de um modelo de ocupação da Amazônia ecologicamente predatório, necessitando do desmatamento de grandes extensões da floresta para uma produção muito baixo de carne, o que acarretaria profundas modificações no meio-ambiente e no estilo de vida dos Waimiri-Atroari.

Na conversa com o médico, o pesquisador mencionou que a proposta de pesquisa era dar a palavra aos Waimiri-Atroari para que eles falassem sobre suas vidas, e organizar, junto com eles, seus depoimentos. O médico se mostrou favorável à proposta, acrescentando que seria proveitoso saber como os Waimiri-Atroari estão vendo o Programa.

Encontro com alguns Waimiri-Atroari

No dia 20 de junho, o pesquisador e sua assistente encontraram-se com o "Capitão" Paulo, da aldeia Samaúma, que conversou muito com o pesquisador, perguntando quando este iria à aldeia e solicitando sua presença lá. Paulo reafirmou seu convite por várias vezes, especificando que ele queria que o pesquisador e sua assistente levassem anzóis pequenos, calções, linha de pescar, panelas e outros utensílios para a aldeia de Samaúma. O indígena Paruê também perguntou quando o pesquisador iria à aldeia Samaúma dizendo que "o pessoal está esperando. Índio está esperando".

Neste dia o Coordenador Raimundo Nonato mandou avisar que não podia atender o pesquisador e sua assistente que perguntaram, através de uma funcionária, se podiam freqüentar a casa em São Raimundo para conversar com os Waimiri-Atroari hospedados lá. Foram informados que no dia seguinte todos os Waimiri-Atroari iam embora para a BASE do Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari, na BR-174, beira do rio Alalaú, para verem um trabalho que estava sendo feito naquele local.

A Chegada da Autorização da FUNAI

No dia 21 de junho, o pesquisador e sua assistente foram informados, na 5ª SUER-FUNAI, que a Autorização para Ingresso em Área Indígena, assinada pelo Presidente da FUNAI, já havia chegado através da Comunicação Interna nº 245/ASSAI/APL, Brasília, 15 de junho de 1989. O Sr. Francisco Alves da Silva, Chefe de Gabinete do Superintendente os atendeu e o pesquisador foi chamado para falar, por via telefônica, com o Sr. Victor, da APL da FUNAI, em Brasília. O Sr. Victor avisou que tinha recebido informações, através do Coordenador Raimundo Nonato, que a assistente de pesquisa já havia tido problemas em áreas indígenas e que ela poderia criar problemas com os "Capitães" Mário e Viana (Waimiri-Atroari). Caso ela criasse problemas, salientou o Sr. Victor, a autorização para entrada na área seria cancelada. O pesquisador respondeu que desconhecia o fato de que a assistente tivesse tido problemas em áreas indígenas, o que foi reforçado pela própria assistente que, em contato com o Sr. Victor disse que nunca havia estado na área dos Waimiri-Atroari e muito menos tido problemas com os indígenas. O Sr. Francisco Alves da Silva também comunicou estas informações à assistente que imediatamente as desmentiu.

O Sr. Victor avisou que o pesquisador e sua assistente teriam que expor sobre sua pesquisa às lideranças Waimiri-Atroari conforme item 13 da Portaria Presidencial (FUNAI) nº 0782 (na 5ª Superintendência mostraram uma portaria sobre atividades de missionários). Eles concordaram em expor às lideranças indígenas a proposta de pesquisa e o Sr. Victor informou que se as lideranças indígenas estivessem de acordo a autorização seria ratificada, caso contrário ela seria cancelada.

O Chefe de Gabinete Francisco Alves da Silva avisou que o Coordenador do Programa Waimiri-Atroari, Raimundo Nonato, havia enviado uma Comunicação Interna (nº 159/NAWA/89) incluindo o seguinte item: "Não notamos interesse com os líderes Waimiri-Atroari quanto ao tipo de pesquisa". Ele avisou que o pesquisador e sua assistente iriam para a área indígena acompanhados de um servidor da FUNAI e que iria ser cumprido o que as lideranças decidissem. O Sr. Francisco Alves também chamou atenção para outro item da Comunicação Interna acima referida, que afirmava:"com certeza haverá restrições, por parte dos

Acervo ISA

SGB

indígenas, quanto à presença da assistente do pesquisador".

No mesmo dia, à tarde, a assistente do pesquisador perguntou ao Sr. Raimundo Nonato a respeito deste item, alertando que nunca havia estado na área dos Waimiri-Atroari, que nem a conheciam. O Sr. Raimundo Nonato respondeu: "Não, não foi bem isso. O problema é sua relação com Schwade" . (2) Explicamos que a assistente é bolsista do CNPq e assistente de pesquisa do projeto "Os Waimiri-Atroari na Etnologia Carib".

Em seguida o Sr. Raimundo Nonato informou que ele estava combinando uma reunião na BASE da FUNAI com todos os Coordenadores dos sub-programas para montar um esquema de trabalho lá. Acrescentou que achava esta reunião muito importante e caso ela não fosse concretizada ele faria um documento para o Superintendente da FUNAI e retiraria toda sua responsabilidade. O pesquisador e sua assistente explicaram que estavam de acordo com a reunião e ele lhes informou que iriam viajar para a BASE em viatura do Programa Waimiri-Atroari junto com ele, os Coordenadores dos sub-programas de Saúde e Educação (o Coordenador do sub-programa de Produção e Meio-Ambiente estava viajando) e alguém da 5ª SUER-FUNAI, além do motorista. A capacidade da viatura era para sete pessoas, ressaltou Nonato.

Nesta ocasião, Raimundo Nonato criticou o fato do pesquisador morar em Belém, alegando que estava "muito longe do centro de pesquisa". O pesquisador respondeu que o Museu Goeldi, em Belém, é a única instituição de pesquisa antropológica na Amazônia. Raimundo Nonato acrescentou que gostaria que o pesquisador "não ficasse preso no seu casulo de antropólogo", revelando mais uma vez seu preconceito contra estes profissionais. Ele reiterou que achava que o pesquisador só queria ir para à área indígena quando lhe convinha e mencionou que iria falar na reunião sobre a disponibilidade dos índios com relação à pesquisa.

No dia 22 de junho, o pesquisador e a assistente encontraram, na casa do Programa Waimiri-Atroari, com João, Zé e outros indígenas das aldeias dos rios Camanaú e Curiuaú. Como nas ocasiões anteriores eles os receberam muito bem, conversaram bastante e disseram que iam para a BASE, na beira do rio Alalaú.

Nesse mesmo dia, o Sr. Raimundo Nonato confirmou que a reunião seria na BASE e reiterou que o pesquisador e sua assistente iriam sair de Manaus aproximadamente às 13:00 horas do dia 24 de junho, juntos com ele, dois Coordenadores de sub-programas, um funcionário da 5ª SUER-FUNAI e o motorista.

"Reunião" na BASE do Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari, na BR-174, rio Alalaú

No dia 24 de junho, o pesquisador e a assistente compareceram, ao meio dia, na casa do Programa Waimiri-Atroari e foram informados que o Coordenador Raimundo Nonato já havia viajado para a BASE junto com o Chefe de Gabinete, Francisco Alves da Silva. Salienta-se que isso entra em contradição com o que o Sr. Nonato havia combinado com o pesquisador e sua assistente, isto é, que eles viajariam junto com ele à área indígena para consultar os índios a respeito da pesquisa. O pesquisador e sua assistente viajaram em uma viatura do Programa Waimiri-Atroari juntos com uma professora do sub-programa de Educação. Ela avisou que a reunião havia sido marcada para o dia seguinte, 25 de junho, na BASE.

O pesquisador e sua assistente chegaram à BASE do Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari, na estrada BR-174, margem direita do rio Alalaú, às 17:00 horas do dia 24 de junho. Apresentaram-se ao Coordenador e tentaram se aproximar dos Waimiri-Atroari. Porém, em contraste com a receptividade que haviam mostrado nos dias anteriores, e nas chegadas anteriores do pesquisador à área para suas pesquisas etnológicas, os Waimiri-Atroari não se mostraram dispostos a conversar. O "Capitão" Viana (Waimiri-Atroari) perguntou, de maneira brusca: "Tu vais dormir aqui?". O pesquisador respondeu que o Sr. Nonato havia informado, que ele e sua assistente iriam dormir no local. Então, Viana disse: "Ah, Nonato mandou, está bom".

O pesquisador e sua assistente tentaram se aproximar dos Waimiri-Atroari, porém, eles se afastaram e se negaram a conversar. Alguns estavam olhando uma coleção de fotos que foram escondidas rapidamente com a aproximação do pesquisador. Este dirigiu algumas perguntas ao indígena Maicom que, no passado, sempre conversava com ele. Maicom murmurou "Ma'ye?de, Eu não sei, não" e se afastou. Ao mesmo tempo, os Waimiri-Atroari conversavam normalmente com

(2) Ver nota (1)

Acervo ISA

SGB

as outras pessoas.

O pesquisador mostrou um dos cadernos de campo de vocabulário Waimiri-Atroari à professora Maria Carmem Rezende e ela informou que os missionários Egydio Schwade e Joe Hill haviam realizado programas educacionais na área e que atualmente o Sr. "João das Letras" estava coordenando o Programa Educacional, usando a grafia introduzida por Hill. Conforme ela, os professores realizaram um curso de capacitação, com um mês de duração, para um programa de educação em língua materna. Acrescentou que como os professores não têm condições para aprender com profundidade a língua Waimiri-Atroari, eles, os professores, oferecem uma assessoria técnica para que os Waimiri-Atroari mesmos se alfabetizem na sua própria língua. A professora, como os Coordenadores, apresentaram o Programa através de um discurso de autodeterminação.

No dia 25 de junho, pela manhã, o pesquisador tentou se aproximar novamente dos Waimiri-Atroari e eles novamente se negaram a conversar. O Chefe de Posto Equipe Móvel de Abonari, Sr. Arivaldo Paulino Dantas (substituto do Coordenador na área), e outro funcionário, trouxeram representantes da aldeia Monawa em caminhonete e caminhão, para participarem da reunião. Entre eles estava o "Capitão" Paulo e outros representantes das aldeias dos rios Camanaú e Curiuaú, com os quais o pesquisador havia se encontrado na casa do Programa Waimiri-Atroari, em Manaus, dias antes.

Havia aproximadamente quarenta indígenas, incluindo representantes de todas as aldeias da área Waimiri-Atroari, trazidos para a BASE por via terrestre e fluvial para participarem desta reunião, numa operação que precisou de muito planejamento, considerando que os Waimiri-Atroari estão, atualmente, espalhados em dez aldeias.

A reunião foi realizada num abrigo onde estavam presentes, além dos indígenas, o Sr. Raimundo Nonato Nunes Corrêa, o Sr. Francisco Alves da Silva, o Chefe de Posto Arivaldo Paulino Dantas, a professora Maria Carmem Rezende, o professor Carlos Augusto de Queiróz e uma enfermeira. Os Coordenadores dos sub-programas não estavam presentes. Encontravam-se, entre os Waimiri-Atroari, os "Capitães" Mário e Viana, nomeados pela FUNAI como representantes de toda a população Waimiri-Atroari.

O Sr. Francisco abriu a reunião anunciando que ela serviria para reapresentar o pesquisador Stephen Baines, anunciando que o CNPq e o Presidente da FUNAI haviam autorizado a pesquisa e que a última etapa seria aquela, em que as lideranças teriam que concordar e aprovar o plano de trabalho. Solicitou que o pesquisador explicasse o tipo de pesquisa científica que pretendia realizar. O pesquisador propôs que poderiam, ele e sua assistente, realizar um trabalho em que os Waimiri-Atroari pudessem falar e que esses depoimentos fossem organizados junto com os indígenas. O Waimiri-Atroari Viana respondeu: "Agora a gente está sabendo que você já andou nessa área todinho. Ninguém sabia o que você estava fazendo. A gente estão sabendo que você já pesquisou muito. Agora, agora nós estamos sabendo". Viana acrescentou que "ninguém está precisando agora. Também ninguém quer. Todo mundo".

O pesquisador lembrou a todos os presentes que, no passado, havia entregue à FUNAI um caderno de vocabulário da língua Waimiri-Atroari, classificado segundo assuntos, e este vocabulário havia sido usado nos programas de educação nos últimos anos, além de haver entregue relatórios à FUNAI e escrito um trabalho (tese de doutorado) em Brasília, sobre a Frente de Atração. Reiterou que a proposta atual era deixar os Waimiri-Atroari escreverem e contarem sobre suas vidas, sobre o que estavam fazendo e o que desejavam fazer no futuro. O pesquisador acrescentou que, como no passado, quando havia feito o que eles pediram como escrever sílabas e palavras, ele e sua assistente estavam dispostos a fazer novamente o que eles queriam.

Viana disse que o pesquisador havia sumido e que os índios não precisavam mais. Outros Waimiri-Atroari acrescentaram: "Ninguém precisa mais". "Não, aqui não".

O Sr. Francisco interveio dizendo "Olha, a respeito de algumas coisas que já foi...comentado aqui, em que algumas lideranças posicionaram aí com relação ao Dr. Stephen, ter apresentado trabalhos anteriores, o Coordenador do Programa de Educação ("João das Letras") teria dado um despacho(3) aqui

(3) Esta foi a primeira vez que o pesquisador e sua assistente foram informados deste despacho do Coordenador do Sub-Programa de Educação. Os comentários incitam os Waimiri-Atroari a assumir a atitude de que o pesquisador estava retendo suas publicações, que não houve retorno do seu trabalho para os indígenas, e que a proposta de pesquisa era inadequada e não clara. Conforme o Coordenador, o Programa Waimiri-Atroari não havia recebido cópias dos relatórios e tese encaminhados para a FUNAI pelo pesquisador. (Cont.)

Acervo ISA

no verso do Programa dele". Continuou, citando o despacho de "João das Letras":

"Que o pesquisador mande seus trabalhos escritos sobre os Waimiri-Atroari - teses, comentários, folhetos, livros etc... baseado no tempo de pesquisa anterior na área. Que a assistente de pesquisa mande suas publicações sobre os Waimiri-Atroari para que se possa dar conhecimento aos indígenas. Que a proposta de pesquisa deve ser mais suscinta, mais detalhada, mais clara".

O Sr. Francisco continuou: "Então, é mais ou menos isso, os líderes manifestaram aqui, já foi despachado aqui pelo Coordenador, professor "João das Letras". Ele é Coordenador do Sub-Programa de Educação. Ele já, anteriormente, já havia se preocupado com isso aqui". O Sr. Francisco reiterou que o Coordenador do Sub-Programa de Educação já havia dado um despacho, questionando o "retorno" da pesquisa para os índios e "que ele, nem ele ('João das Letras'), nem os índios conhecia (o resultado da pesquisa). Que ele, 'João das Letras', já havia passado por lá e perguntado 'Cadê o trabalho?' Se tinha alguma coisa"(4).

O Sr. Francisco continuou: "E ele ('João das Letras') havia sentido que os índios não estavam...não tinham demonstrado muito interesse no tipo de pesquisa a ser desenvolvido, e nem tinham conhecimento do tipo de pesquisa anterior. A FUNAI em Manaus praticamente não tem nada". O Sr. Francisco reforçou ainda mais esta posição, acrescentando que "consta aqui na sua pauta de trabalho que grande parte do que o Sr. pesquisou foi mandado, remetido ao Museu lá em Belém. Inclusive este livreto que o Sr. diz que fez aí, não é"(5).

Quando o pesquisador explicou que isso não era o caso, o Sr. Francisco reiterou que "grande parte da sua pesquisa foi entregue ao Museu..." O pesquisador explicou, novamente, que tinha enviado os relatórios para a FUNAI entre 1982 e 1985 e a tese de doutorado, em julho de 1988, para a Biblioteca Marechal Rondon do Museu do Índio da FUNAI, conforme solicitação da própria FUNAI.

Os Waimiri-Atroari presentes riram da resposta do pesquisador, pois já haviam sido incitados a adotarem o posicionamento de que o pesquisador estava retendo seus trabalhos, não lhes dando retorno.

O Sr. Francisco disse que eles (do Programa Waimiri-Atroari) antecipavam o fato de que a reunião era a última etapa do processo e que "vai prevalecer a decisão deles (dos Waimiri-Atroari). Vai derrubar (6) a... já deu para sentir que se eles mantiverem esse posicionamento de não aceitar seu trabalho... o que vai prevalecer é a vontade deles, o que vai derrubar a autorização do Conselho e a autorização da Presidência da FUNAI. E isso até posterior deliberação, até que...se faça a coleta dos seus trabalhos para que alguém avalie os trabalhos e venha com eles novamente discutir os benefícios que seu trabalho vai trazer para eles".

Novamente o Sr. Francisco exigia a avaliação da pesquisa etnológica do pesquisador em termos de "benefícios" ou "retorno imediato" na definição dos indigenistas do Programa Waimiri-Atroari FUNAI/Eletronorte.

O pesquisador reafirmou que estava disposto a trabalhar da maneira que os Waimiri-Atroari queriam. O Waimiri-Atroari Viana respondeu: "todo mundo, a gente não queremos, não precisa disso aqui...eu sei que você já veio pra cá e o Presidente da FUNAI autorizou, mas Presidente da FUNAI não manda aqui, não mora aqui, também. Nem mora nem dorme". Aqui muitos dos Waimiri-Atroari presentes acrescentaram comentários usando o tema de "autodeterminação", como "Quem manda aqui somos nós", "Só nós". O Waimiri-Atroari Mário acrescentou:

---

(3) -Cont. No dia 26.06.89, após a reunião, o pesquisador e sua assistente foram informados pelo Sr. Francisco Alves que o parecer do Coordenador do Sub-Programa de Educação era datado de 10.01.89.

(4) Novamente o Sr. "João das Letras", conforme o Sr. Francisco, estava incitando os Waimiri-Atroari a tomar um posicionamento contrário à pesquisa, utilizando o argumento que "não havia retorno para os índios".

(5) Aqui o Sr. Francisco referia-se à tese de doutorado adaptada em forma de livro. Todos os relatórios de pesquisa de campo e uma cópia da tese foram entregues à FUNAI pelo pesquisador, com exceção de um trabalho que tinha sido entregue à Editoração do Museu Goeldi para ser considerado para publicação. Este trabalho ainda está aguardando os pareceres dos referees e ainda não foi publicado. O Sr. Francisco reforça o argumento construído por "João das Letras" para fazer parecer que o pesquisador estava retendo seus trabalhos dos Waimiri-Atroari, o que não é verídico.

(6) Aqui o Sr. Francisco introduz a palavra "derrubar", usada com freqüência desde o tempo da Frente de Atração em campanhas montadas por funcionários para rejeitar pessoas.

Acervo ISA

SCB

"Acho que ele fez de nosso pessoal, nós todos... gente não quer seu trabalho".

O Sr. Francisco disse que Mário e Viana "falando pelos outros índios ... prevalece a vontade das comunidades". Leu as observações da autorização da FUNAI, declarando que o pesquisador deveria apresentar seu projeto de pesquisa à comunidade indígena, pois apesar do Presidente da FUNAI haver assinado a autorização, existia o ítem 13 da Portaria Presidencial (FUNAI) nº 0782. "É exatamente aquele que diz que a partir do momento que as comunidades indígenas, através dos seus líderes não aceitarem a pessoa que está pretendendo entrar na área, não tem pesquisa... quem decide são vocês (Waimiri-Atroari), não é? E vocês é quem decide. É como você falou (dirigindo-se a Viana), o Presidente da FUNAI não está aqui, não dorme aqui, não sabe como é que os índios... mas ele dá uma ressalva também, é dentro do poder de vocês para vocês decidir".

O Waimiri-Atroari Mário interrompeu: "Hoje dia, hoje dia. Presidente da FUNAI não pode mandar autorização algum pessoal...". O Sr. Francisco Alves reiterou: "Eles não aceitam a proposta de fora. Eles aceitam, sim, uma proposta de trabalho elaborada por eles, dentro do que eles querem que seja aprovado e que vem a gente executar o que eles querem, é isso". Neste momento os Waimiri-Atroari presentes acrescentaram "É isso", "é isso".

O pesquisador disse que estava disposto a desenvolver um trabalho elaborado pelos Waimiri-Atroari, conforme eles queriam. O Sr. Francisco dirigiu-se aos Waimiri-Atroari presentes, dizendo que o pesquisador entendia que eles não concordavam com o tipo de trabalho que ele ia realizar e se colocava como voluntário para executar um trabalho "que seja elaborado pelo Programa (7) de vocês e que ele já está oferecendo seus esforços...seu conhecimento científico para desenvolver aquele tipo de trabalho que os senhores querem. Vocês vão montar junto com o Programa de vocês, né".

O Sr. Francisco perguntou se o Waimiri-Atroari Mário tinha algumas considerações e avisou que ia fazer a ata da reunião (8) para enviar a Brasília "porque não basta simplesmente mandar um telex. Tem que ter esse documento comprovado por eles, porque amanhã ou depois vão aparecer outras pessoas e vão dizer que não foi nada disso, que nós, que eles conversaram aqui, entendeu?".

O Waimiri-Atroari Mário interveio: "Nós não queremos", o que foi reiterado pelos outros Waimiri-Atroari presentes. Mário acrescentou: "Até hoje pessoal, pessoal não esquece aquele que você, dentro do ano passado, prejudicando índio também. Vocês mandaram carta(9) e tal... Stephen está lá pelo, não sei o que, pelo CIMI, pelo não sei o que. Ele está prejudicando os índios, que ele está criticando, prejudicando também. Mas isso aí, eu conversei com pessoal ontem..." O Waimiri-Atroari Viana acrescentou: "Como é que pessoal, pessoal nosso, eu, até eu mesmo, os índios pensa aquele Stephen veio para cá... veio só pra enganar a gente. Amigo não é, não".

Enquanto a reunião prosseguia a professora Maria Carmem Rezende, do subprograma de Educação tirou muitas fotos do pesquisador e sua assistente, cercados pelos Waimiri-Atroari, para documentar a "expulsão".

O pesquisador perguntou ao Waimiri-Atroari Viana em que sentido ele os havia enganado. Os Waimiri-Atroari responderam "assim mesmo". O pesquisador perguntou ao Waimiri-Atroari Mário quem estava dizendo que Stephen "está pelo CIMI, prejudicando", ao que Mário respondeu: "Isso aí ninguém diz, sempre saiu no jornal". Os outros Waimiri-Atroari acrescentaram: "jornal que aparece", "sempre sai no jornal", "tem rádio, todo mundo né, FUNAI", "todo mundo já sabe disso".

O pesquisador salientou que seu único vínculo é com o Museu Goeldi em Belém (10). Todos os Waimiri-Atroari gritaram: "Ma²dana! (Mentira!). Ma²dana!"

---

(7) Aqui sugere que seja o Programa FUNAI/Eletronorte. Como os Srs. Raimundo Nonato e "João das Letras" disseram na primeira entrevista em Manaus, eles não queriam ninguém na área que não estivesse trabalhando dentro do Programa Waimiri-Atroari FUNAI/Eletronorte.

(8) Cópia anexa.

(9) Ver mais adiante. Supõe-se que Mário referia-se ao "Cartel de Estanho" das publicações caluniosas do jornal "O Estado de São Paulo" de 1987. O pesquisador não mandou nenhuma "carta".

(10) O pesquisador atualmente é bolsista de Desenvolvimento Científico Regional (CNPq) no Departamento de Ciências Sociais - Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. No período de 11.05.87 a 01.03.88 o pesquisador trabalhou na biblioteca do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em Brasília. Porém, não foi esse período de trabalho a que se referiam os funcionários do Programa Waimiri-Atroari e indígenas. Suas informações vieram de uma série de matérias caluniosas publicadas pelo jornal "O Estado de São Paulo" (Ver nota 14). Na época em que o pesquisador realizava suas pesquisas etnológicas na área Waimiri-Atroari, ele não tinha nenhum vínculo com o CIMI, como ele não tem atualmente.

Acervo ISA

SGB

"Esse aqui ma²dana" e riam do pesquisador.

O jovem Waimiri-Atroari Zé Maria interveio: "No tempo que tu fazia pesquisa, você não fazia nada também aqui. Está dizendo, você já levou muitas palavras nossas, mas você não devolveu pra gente". O pesquisador mencionou mais uma vez, que havia entregue um vocabulário, que foi utilizado nos programas de educação. Alguns Waimiri-Atroari disseram "era pra ter direto entregar para a gente. Não era para entregar para a FUNAI".

A FUNAI exige que cópias de trabalhos sejam entregues ao órgão, que tem jurisdição sobre a área indígena. Pesquisadores só podem enviar trabalhos aos Waimiri-Atroari através da FUNAI.

O Waimiri-Atroari Zé Maria interveio novamente: "Naquele tempo ninguém sabia quem era você. Agora a gente sabe que você é um cara mentiroso, fuxiqueiro. Você faz muito fuxico e você ainda vai fazer muito fuxico para fora daqui". Zé Maria recorreu a um discurso de autodeterminação: "Você pensa que é a FUNAI que está ensinando a gente, mas não é. FUNAI não ensina mais. Nós mesmo que está sabendo. Não é criança! Não é cachorro! Nem bicho.(11) A gente é a gente mesmo, igual a você. O trabalho que você fazia a gente aceitava. Mas agora ninguém aceita mais. Naquele tempo todos nós era criança. Ninguém sabia quem era você. Agora sei que você é mentiroso, fuxiqueiro. A gente ouve no jornal".

Neste momento o Coordenador Raimundo Nonato saiu da reunião, acompanhado de alguns indígenas que gritavam "mentiroso!", "ma²dana!".(mentira). O Sr. Francisco Alves chamou os "Capitães" principais Mário e Viana (Waimiri-Atroari) para assinarem a ata da reunião na qual afirmava que "as lideranças indígenas manifestaram ter conhecimento das ligações do Sr. Stephen Baines com o CIMI e outras entidades prejudiciais ao desenvolvimento dos Waimiri-Atroari".

Por outro lado, o pesquisador e sua assistente explicaram ao Sr. Francisco que tinham levado calções, anzóis, facas, panelas e outros bens que os Waimiri-Atroari sempre pediam quando o pesquisador realizava suas pesquisas de campo, e que a doação era feita em retribuição e agradecimento pela colaboração dos indígenas. O Sr. Francisco perguntou ao Sr. Nonato como agir neste caso, se os bens podiam ser distribuidos, ou não, ao que o Sr. Nonato respondeu: "Diga que os índios não aceitaram". Viana (Waimiri-Atroari) interrompeu: "Isso foi no passado. Naquela vez você entregou os brindes só para enganar". Outros indígenas gritaram: "Para enganar mesmo!".

Nesse momento todos os Waimiri-Atroari saíram da reunião murmurando "Ma²dana suba"(mentiroso) para o pesquisador e, como havia ocorrido desde a chegada à BASE, no dia anterior, se negaram a conversar com ele e sua assistente.

O pesquisador dirigiu-se ao Sr. Francisco Alves da Silva, perguntando quem estava dizendo para os Waimiri-Atroari que ele tinha ligações com o CIMI e outras entidades, esclarecendo não ter vínculo com nenhum órgão, à exceção do Museu Emílio Goeldi. O Sr. Francisco respondeu que saíram algumas matérias no jornal "O Estado de São Paulo" reproduzidas nos jornais de Manaus, que revela a existência de pesquisadores internacionais ligados ao "Cartel de Estanho", e que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) era a entidade mais acusada. Disse ainda que o "O Estado de São Paulo" revelou que certos pesquisadores internacionais estavam sendo utilizados por este "Cartel de Estanho" e trabalhando no sentido de retardar o desenvolvimento da produção de estanho brasileiro.

O pesquisador esclareceu que em 1987 o jornal "O Estado de São Paulo" publicou uma série de matérias caluniosas em que usaram seu nome(12) embora escrito errado, com citações forjadas, como se o pesquisador fosse um agente do "Cartel de Estanho". Ele acrescentou para o Sr. Francisco que havia sido realizada uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) em que foi comprovada a falsidade dos documentos apresentados pelo jornal e que o diretor responsável, Júlio de Mesquita Neto declarou, publicamente na CPI que foi instalada, ser conhecido de um dos diretores do Grupo Paranapanema,(13) Sr. Octavio Lacombe. O

(11) Supõe-se que certos funcionários, como acontecia nas épocas anteriores de pesquisa de campo, estavam dizendo para os Waimiri-Atroari que "brancos" acham que índio é criança, cachorro, bicho, etc..., para acirrá-los contra pessoas cuja presença estes funcionários não queriam na área indígena. (Ver Baines,1988, Tese de doutorado).

(12) "O Estado de São Paulo", 11 de agosto de 1987 pág. 4, e 12 de agosto de 1987 pág. 4.

(13) A empresa Timbó Indústria de Mineração Ltda., subsidiária do Grupo Paranapanema, invadiu a Reserva Indígena Waimiri-Atroari (conforme o Decreto Nº68.907 de 1971) em 1979, e após uma manipulação cartográfica (Ver Baines 1988:143 a 157), uma parte da Reserva Indígena foi desmembrada pelo Decreto Presidencial Nº 86.6[illegible]0 de 23.1[illegible].81, atendendo os interesses da empresa. Em 18.06.82., o Presidente da FUNAI, Paulo Moreira Leal, concedeu autorização à Mineração (Cont.)

Acervo ISA

SGB

Sr. Júlio de Mesquita Neto se declarou, publicamente, na CPI - na presença de deputados federais e senadores - ser a favor da política da Paranapanema em áreas indígenas. As declarações do Sr. Júlio de Mesquita Neto revelaram que algumas empresas mineradoras estavam atrás da campanha caluniosa em que foi usado o nome do pesquisador (14).

O Sr. Francisco Alves respondeu que foi "comprovado" pelo "O Estado de São Paulo" que o pesquisador havia participado de um debate sobre mineração e quando o pesquisador esclareceu que o suposto debate citado no "O Estado de São Paulo" não aconteceu, ele disse que os brasileiros confirmaram a existência do "Cartel de Estanho" e este "Cartel tem que defender seus interesses". Acrescentou que os Waimiri-Atroari têm a mentalidade que a imprensa divulgou com relação a pesquisadores estrangeiros. Em seguida, defendeu a postura de que não se pode proibir os índios de usufruirem sua riqueza, acrescentando que na área dos Waimiri-Atroari existem grandes depósitos de estanho.

O Sr. Francisco citou o caso da Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), alegando que "para começar a coordenadora não é nem brasileira".

Após a reunião o pesquisador e sua assistente foram levados de volta para Manaus juntos com os senhores Raimundo Nonato Nunes Corrêa, Francisco Alves da Silva, Paulo (Waimiri-Atroari) e a professora Maria Carmem Rezende.

No 5ª SUER-FUNAI

No dia seguinte, 26.06.89 o pesquisador e sua assistente compareceram na 5ª SUER-FUNAI para obterem uma cópia da ata da reunião. O Sr. Francisco Alves da Silva reiterou que o Coordenador do sub-programa de Educação havia anunciado que os índios não tinham demonstrado interesse no tipo de trabalho a ser realizado, acrescentando: "Até concordo. Realmente o trabalho que o Sr. vai desenvolver, aos índios pouco interessa. Interessa ao Sr. que está fazendo uma tese de doutorado".(15) O Sr. Francisco continuou: "O trabalho interessa a uma série de... vamos dizer assim, de segmentos da sociedade né, científica, né. Mas aos índios, os índios não estão querendo saber que o Sr. está pesquisando aí... antropologia, não sei o que. Para eles aí não é interessante... o que o índio quer ver, ele quer ver ação... ele quer ver o médico... cuidar da saúde...só foi acompanhar, observar e colocar no papel. Não falou em medicamentos para levar... o índio de início ele quer saber qual benefício que ele leva imediatamente".

O pesquisador perguntou, novamente, como os Waimiri-Atroari foram informados das matérias do "O Estado de São Paulo", de 1987. O Sr. Francisco respondeu que os Waimiri-Atroari tomaram conhecimento em Manaus, através da televisão,

(13) Cont. Taboca S.A (do Grupo Paranapanema) para construir uma estrada privada dentro do território indígena Waimiri-Atroari, entre o km. 250 da rodovia BR-174 e a mina de Pitinga. O Decreto Presidencial nº 92.426, de 25.02.86, outorgou à Mineração Taboca S.A. concessão para construir uma hidrelétrica particular na área desmembrada da Reserva Indígena. Em 1º de maio de 1987, o rompimento das barragens de terra da mina de Pitinga lançou cerca de 700 mil metros cúbicos de despojos de mineração no rio Alalaú (Revista "Isto É", 20.05.87), dentro da área indígena, que já estava sendo poluído pelas atividades de lavra da Mineração Taboca S.A.

(14) O jornal "O Estado de São Paulo" publicou uma série de matérias a partir de 09.06.87 intitulada "Os Índios na Nova Constituição" para tentar criminalizar um conjunto de instituições , veiculando denúncias sobre uma suposta "conspiração" internacional contra o Brasil, numa campanha símilar à que foi realizada na Venezuela, através da imprensa, em 1984. Os jornais "A Crítica" e "Jornal do Comércio", de Manaus, reproduziram as matérias. O "O Estado de São Paulo" baseou suas denúncias em documentos falsos, fazendo o jogo das empresas privadas de mineração interessadas na franquia constitucional para explorar minérios em territórios indígenas. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito apurou as "denúncias" comprovando que os documentos eram forjados e "imprestáveis". (Ver "A Verdadeira Conspiração contra os Povos Indígenas a Igreja e o Brasil" CNBB-CIMI, 1987 pág. 42).

(15) O pesquisador não está, atualmente, fazendo uma tese de doutorado. Sua tese foi defendida em março de 1988.

Acervo ISA

SCB

rádio e jornais... "a imprensa do Brasil todo deu lá seu nome né... agora o que é mais provável que os índios tenham tomado conhecimento, foi o "Jornal do Comércio" que publicou uma manchete assim: 'O CIMI e seus Irmãos do Estanho'. Aí fez um resumo do que foi, do que queria dizer aquela série de reportagens que saiu... eu me lembro que os índios andaram com isso na mão, aquele baixinho... que estava falando muito, Zé Maria, morou comigo aqui no hotel, uma temporada. Ele estava tomando conta de um rapaz que se acidentou. E ele lê muito bem. Deu prá ele ler... Ele andou lendo estes jornais. Lembra que ele estava mais afoito?".

Comentário

Os funcionários do Programa Waimiri-Atroari FUNAI/Eletronorte recorriam a discursos de autodeterminação ao falarem sobre o Programa, e os Waimiri-Atroari utilizavam este tipo de discurso na reunião. Certos funcionários haviam inculcado a atitude de que pesquisa etnológica não tem retorno imediato ou benefício para os indígenas, levando-os a desvalorizarem qualquer trabalho que não seja do Programa Waimiri-Atroari (Convênio FUNAI/Eletronorte) interpretado num discurso de autodeterminação como as palavras: "Quem manda aqui, só nós", "Você pensa que é a FUNAI que está ensinando a gente, mas não é. FUNAI não ensina mais. Nós mesmo que está sabendo...". Conforme uma professora do sub-programa educacional, "os professores oferecem uma assessoria técnica para que os Waimiri-Atroari mesmos se alfabetizem na sua própria língua". Segundo o médico "o programa de educação para saúde vai ser incorporado ao programa de educação" incluindo "informações básicas sobre mecanismos de transmissão das principais doenças para que eles possam, por eles mesmos, bolarem a maneira de evitar contrair certas doenças".

Tanto no discurso dos funcionários quanto no dos Waimiri-Atroari, ressalta-se sempre a participação indígena nas decisões. Contudo, a política indigenista nesta área vem do Programa FUNAI/Eletronorte, e depende de decisões do Governo Federal. Por exemplo, os Waimiri-Atroari das aldeias Tobipina e Taquari foram transferidos em conseqüência da alagação das suas aldeias pelo reservatório da hidrelétrica de Balbina. Antes, alguns foram levados para Tucuruí, pelo Programa, para que lhes fossem mostrada a devastação provocada pela hidrelétrica na área dos índios Parakanã. Ao voltarem de Tucuruí, conforme um Coordenador de sub-programa, "eles não gostavam de Tucuruí e resolveram mudar por conta própria. Mas Eletronorte foi atrás e fez questão de dar apoio na mudança".

As decisões indígenas "por conta própria" são condicionadas pelas decisões estabelecidas pela FUNAI/Eletronorte, e um tipo de "autodeterminação" criada pela atuação empresarial. Um programa desta natureza, financiado por uma grande empresa, pode remendar algumas das conseqüências destrutivas da atuação da empresa ao invadir a área indígena, como por exemplo, na área de saúde, porém, ele não deixa de perpetuar as relações de dominação/sujeição entre os funcionários que representam o poder da sociedade nacional e os Waimiri-Atroari.

A aplicação de muita verba em infraestrutura e projetos econômicos e educacionais pode levar ao estabelecimento de espécies de "fazendas-modelo" ou "colônias agrícolas" em que os indígenas, com um grande contingente de funcionários (atualmente 52 conforme o Coordenador), alcançam boas condições de saúde e um padrão de vida materialmente próspero. Porém, sempre subordinados aos interesses das empresas que financiam, ou gerenciam o financiamento dos programas.

Os Waimiri-Atroari, além de ter um Programa dirigido pela FUNAI/Eletronorte, já assinaram, em 26.08.86, um Termo de Compromisso com a empresa Mineração Taboca S/A (Paranapanema), que, com uma atuação empresarial sobre a área indígena similar à da Eletronorte, financiou a construção de casas de alvenaria para os "Capitães" Viana e Mário, e projetos pecuário e agrícola. Inclusive, durante a "reunião" na BASE do Nucleo de Apoio Waimiri-Atroari, o pesquisador e sua assistente notaram a presença de uma viatura da Paranapanema utilizada por funcionários da FUNAI.

Pode-se prever uma situação, dentro de poucos anos, em que os Waimiri-Atroari, embora com seu território demarcado, sejam totalmente subordinados por programas que representam o poder econômico de grandes empresas, encurralados em áreas muito reduzidas e sujeitos a um estilo de vida absolutamente alheio à sua vida tradicional. Programas estes, impostos através de discursos de "autodeterminação" para atender aos interesses econômicos das grandes empresas. Há de se questionar os conceitos de "retorno imediato" e "benefício" usados por funcionários do Programa Waimiri-Atroari, ao alegarem que pesquisas antropológicas não têm retorno imediato para os indígenas. Proje-

Acervo ISA

tos de produção, por exemplo, podem trazer "retorno imediato" avaliado em termos materiais por uma mentalidade empresarial, mas, ao mesmo tempo, trazer prejuízos se inadequados para a população e a região, acarretando mudanças drásticas e traumáticas na vida dos indígenas. O mesmo se pode dizer para projetos de educação, se implantados dentro de uma atuação empresarial, o que pode levar à construção de um discurso de "autodeterminação" subordinado às pressões econômicas de empresas em programas verdadeiramente etnocídas, reforçando a invasão e ocupação maciça de territórios indígenas pelas mesmas empresas.

A "expulsão" do pesquisador e de sua assistente, tem que ser vista dentro da história de expulsões geradas pela própria atuação da FUNAI nesta área. Durante a época de 1982 a 1985, o pesquisador presenciou a expulsão de diversos funcionários da FUNAI desta área indígena, em conseqüência do clima de intrigas estabelecido pela política indigenista na época e a luta pelo poder entre funcionários (Ver Baines 1988: capítulo IX pág. 424 e pág. 518-521). Nessa época um modelo de expulsão já estava sendo formulado com sua própria linguagem através de frases como "Mentiroso!", "Só enganando índio!".

Após a última etapa de pesquisa de campo do pesquisador, os missionários Egydio Schwade e, posteriormente Joe Hill, ambos desenvolvendo projetos de alfabetização, foram expulsos desta área indígena. Nas palavras do Sr. Raimundo Nonato, o pesquisador Márcio da Silva também foi expulso do Camanaú em 1987. "No terceiro dia os índios foram com o chefe do posto e disseram que não queriam Márcio lá. Ele só escrevia e recolhia informações e não houve benefícios para eles", disse Nonato.

A atuação empresarial na área, conseqüente do convênio FUNAI/Eletronorte está levando a formação de uma atitude que não admite pesquisadores na área que não sejam do Programa, financiado através deste convênio. O julgamento do que é "retorno imediato" ou "benefício" para os índios é feito pelos indigenistas do Programa, como ficou claro em nossa primeira entrevista com o Sr. Raimundo Nonato, na sua declaração: "Nós, indigenistas, não gostamos de trabalhos antropológicos", levando os Waimiri-Atroari à não aceitarem ninguém que não seja do Programa que estes indigenistas controlam.

O pesquisador e sua assistente foram avisados de que "com certeza haverá restrições por parte dos indígenas quanto à presença da assistente do pesquisador", mesmo antes dos Waimiri-Atroari a conhecerem. Os Waimiri-Atroari só poderiam ter restrições quanto à sua presença, se tivessem recebido informações tendenciosas, com antecedência, através de funcionários do Programa Waimiri-Atroari FUNAI/Eletronorte indispostos a aceitar sua presença. Isso revela que as restrições não partiram diretamente dos Waimiri-Atroari mas de uma atitude transmitida por indigenistas do Programa.

A revelação, pelo Sr. Francisco Alves, de que os Waimiri-Atroari haviam tomado conhecimento das supostas ligações do pesquisador com o "CIMI e outras entidades" através das matérias caluniosas publicadas pelo jornal "O Estado de São Paulo" deixa evidente a manipulação de informações por parte de funcionários do Programa FUNAI/Eletronorte. Nessa época (1987) os Waimiri-Atroari não tinham condições de lerem e compreenderem as matérias sem a interpretação de funcionários do Programa. As matérias veiculam conceitos complicados como "Cartel de Estanho", "Irmãos do Estanho" (Tin Brothers), "Malásia", "Sudeste Asiático", etc...

A atitude hostil dos Waimiri-Atroari com relação ao pesquisador, nos dias 24 e 25 de junho na BASE do Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari, inclusive por parte dos indígenas que o receberam muito bem poucos dias antes, revela que houve uma manipulação grosseira de informações com a utilização de matérias jornalísticas caluniosas e de comprovada falsidade por uma CPI, para acirrar os Waimiri-Atroari contra o pesquisador.

A ida do Coordenador Sr. Raimundo Nonato Nunes Corrêa junto com o Chefe de Gabinete do Superintendente da 5ª SUER-FUNAI, Sr. Francisco Alves da Silva, na frente do pesquisador e de sua assistente e não juntos como este Coordenador havia informado, revela que a intenção do Coordenador não era de consultar os Waimiri-Atroari sobre a pesquisa, mas sim, incitá-los, através dos "capitães" Mário e Viana a expulsar o pesquisador e sua assistente da área indígena. A operação foi cuidadosamente planejada e documentada, com a participação de cerca de quarenta indígenas, com representantes trazidos pelo Programa de todas as dez aldeias na área.

A atuação destes funcionários complementa a campanha caluniosa publicada pelo jornal "O Estado de São Paulo", em 1987, e representa um exemplo da manipulação de informações por funcionários da FUNAI/Eletronorte para incitar um grupo indígena contra um pesquisador e sua assistente, criando entraves a qualquer pesquisa científica livre, que não seja dentro de um Programa subordinado diretamente a interesses empresariais.

Stephen G. Baines
Belém, 11 de julho de 1989

Acervo ISA

Stephen G. Baines

Stephen Grant Baines
Pesquisador

Verenilde Santos Pereira
Assistente de pesquisa

Belém, 11 de julho de 1989

ANEXOS

I - Ata da "Reunião das Comunidades Indígenas Waimiri-Atroari", 25 de junho de 1989.

II - Autorização para Ingresso em Área Indígena Número APL 89/073/603, FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, de 08 de junho de 1989.

III - Autorização para Expedição Científica Número EX-06/89, CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CNPq, de 15 de maio de 1989.

IV - PORTARIA Nº PO-257/89 - Representante do CNPq em Expedição Científica, de 15 de maio de 1989

V - Of. EXC/ACI 0487/89 do Chefe de Assessoria de Cooperação Internacional CNPq, para o Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, de 17 de maio de 1989.

Acervo ISA

ANEXO I

Ata da Reunião dos Comunidades Indígenas WAIMIRI/ATROARI

Aos 25 dias do mês de junho de 1989, reuniram-se na sede do NAWA, as lideranças indígenas abaixo especificadas, que assinaram, juntamente com o Servidor Raimundo NONATO, chefe do NAWA, para fazer a representação do Sr STEPHEN GRANT BAINES e sua assistente Sra VERENILDE SANTOS PEREIRA, aos demais líderes das aldeias.

O servidor Francisco ALVES DA SILVA, representante da Sr. Stephen Grant Baines, usou da palavra para apresentar os líderes indígenas, em presença do Sr BAINES e em seguida passou a este a palavra para que explicasse aos líderes o seu programa de trabalho.

Usando da palavra o Sr BAINES em repetidas palavras expôs o seu plano de trabalho.

O líder VIANA representando os demais líderes manifestou-se contrário ao trabalho do pesquisador e disse que pesquisadores teem de executar trabalho

estabelecido pelo nosso povo e apresentado através do Sub-programa.

— O Sr STEPHEN, consoante com o desejo manifestado pelas lideranças e na oportunidade disponível das lideranças para a execução do programa de trabalho apresentado pelos ADMINISTRADORES

— E por fim as lideranças notificaram tem conhecimento das ligações do Sr STEPHEN com o CIMI e outras entidades prejudiciais ao desenvolvimento dos ADMINISTRADORES.

— O Sr STEPHEN usou da palavra para desmentir suas ligações com as entidades citadas no que não foi aceito pelas lideranças, pois apresentaram tal conhecimento através de formais editados em MINAS, de suas ligações com o CIMI e entidades outras.

— E como Nada mais

Foi discutido na presente reunião, eu FRANCISCO ALVES DA SILVA, sendo a FUNAI/SEDE/5ª SUER eleito, e presente até que todos por mim assinado e segue-se assinatura dos demais participantes.

FRANCISCO ALVES DA SILVA
ASSESSOR-I

Stephen G. Baines.
STEPHEN GRANT BAINES

Veronijos Santos Pereira
VERONIKJE SANTOS PEREIRA

Viana Wamé
VIANA-UIJER WAMÉ/ARARA

Mário Parine
MÁRIO-UIJER-WAMÉ/ARARA

EM TEMPO: Participaram da presente reunião, todos os representantes das AldeiAs

Acervo ISA

SITUAÇÃO DA AI WAIMIRI/ATROARI

Sede NAWA

25/JUNHO/1989

FRANCISCO ALVES DA SILVA

— ASSESSOR-I —

Acervo ISA

ANEXO II

FUNAI

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

AUTORIZAÇÃO PARA INGRESSO EM ÁREA INDÍGENA

NÚMERO
APL 89/073/603

I - OBJETIVO DO INGRESSO

DESENVOLVER O PROJETO "OS WAIMIRI-ATROARI NA ETNOLOGIA CARIB", DANDO CONTINUIDADE ÀS PESQUISAS REALIZADAS NESSE GRUPO INDÍGENA.

II - RESPONSÁVEL PELO TRABALHO

NOME: STEPHEN GRANT BAINES
NACIONALIDADE: BRITÂNICA
DOC. DE IDENTIDADE: 479.028-C PASSAPORT.
INSTITUIÇÃO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
ENTIDADE PATROCINADORA: CNPq

III - PARTICIPANTES DA EQUIPE DE TRABALHO

NOMES	DOC. DE IDENTIDADE
VERENILDE SANTOS PEREIRA	270.173-SSP.AM

XXXX

Acervo ISA

ANEXO III

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

AUTORIZAÇÃO PARA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA

NUMERO EX-06/89

I OBJETIVO DA EXPEDIÇÃO

REALIZAR O PROJETO DE PESQUISA: "OS WAIMIRI-ATROARI NA ETNOLOGIA CARIB".

Proc. N.º 44/05/86
Fls 52
Rubrica

DATA DO INÍCIO 01.06.89 | DURAÇÃO 12 MESES

II RESPONSÁVEL PELA EXPEDIÇÃO

NOME
ROBERTO MARIA CORTEZ DE SOUZA

NACIONALIDADE
BRASILEIRA

IDENTIDADE Nº

INSTITUIÇÃO
MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

III PATROCINADOR (ES)

CNPq - CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

IV REGIÃO

RESERVA INDÍGENA WAIMIRI-ATROARI, NOS ESTADOS DO AMAZONAS E RORAIMA

V REPRESENTANTE BRASILEIRO

NOME
ROBERTO MARIA CORTEZ DE SOUZA

NACIONALIDADE
BRASILEIRA

IDENTIDADE Nº

INSTITUIÇÃO
MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

VI OBSERVAÇÕES

O INGRESSO EM ÁREA INDÍGENA SÓ SERÁ PERMITIDO MEDIANTE AUTORIZAÇÃO DA FUNAI.
PARTICIPANTE ESTRANGEIRO: STEPHEN GRANT BAINES.
PARTICIPANTE BRASILEIRA: VERENILDE SANTOS PEREIRA.

ESTA AUTORIZAÇÃO É CONCEDIDA NOS TERMOS DO DECRETO Nº 65.057 DE 26.08.1969

BRASÍLIA, DF 15 de maio de 19 89

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO CNPq

PRESIDENTE
CRODOWALDO PAVAN
PRESIDENTE

O CNPq SOLICITA A TODAS AS AUTORIDADES, BEM COMO A TODOS A QUEM ESTE DOCUMENTO FOR APRESENTADO, QUE PRESTEM A DEVIDA ASSISTÊNCIA À PRESENTE EXPEDIÇÃO

CNPq 201

Acervo ISA

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

ANEXO IV

TIPO

PORTARIA

Proc. N.º 44/05/88
Fls 52
Rubrica

N.º PO - 257/89
FOLHA 01 de 01
REVOGA

TÍTULO

REPRESENTANTE DO CNPq EM EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA

COD ASSUNTO

O Presidente do CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CNPq, no uso de suas atribuições e, de conformidade com o disposto no Decreto nº 65.057, de 26/08/69,

R E S O L V E

Designar o MPEG - Museu Paraense Emílio Goeldi para, por intermédio do Dr. ROBERTO MARIA CORTEZ DE SOUZA, acompanhar e fiscalizar a expedição científica autorizada por este Conselho sob o nº EX-06/89, que objetiva realizar o projeto de pesquisa. "Os Waimiri - Atroari na Etnologia Caríb", Reserva Indígena Waimiri - Atroari, nos Estados do Amazonas e Roraima, no período de 01/06/89 a 31/05/90.

Brasília, 15 de maio de 1989.

CROSOWSKI DO PAVAN

Acervo ISA

ANEXO V

CNPq
CONSELHO NACIONAL
DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

Of.EXC/ACI.0487/89

Brasília, 17 de maio de 1989.

Ao Dr. Walmir/DPR
P/as providências

AO: Diretor do MPEG
GUILHERME M. DE LA PENHA

Temos o prazer de informar a V.Sa. que este Conselho aprovou o pedido de licença para conduzir expedição científica no País, formulado pelo Sr.STEPHEN GRANT BAINES e sua colaboradora VERENILDE PEREIRA, com o objetivo de realizar o projeto de pesquisa: "Os Waimiri-Atroari na Etnologia Carib ", na Reserva Indígena Waimiri-Atroari, nos Estados do Amazonas e Roraima, no período de 01.06.89 a 31.05.90.

Face ao exposto, estamos encaminhando à V.Sa. cópia da Autorização para Expedição Científica nº EX-06/89, bem como da Portaria nº 257/89, através da qual esse Museu, por intermédio do Sr. ROBERTO MARIA CORTEZ DE SOUZA, ficará responsável pelo acompanhamento e fiscalização das atividades a serem desenvolvidas na expedição em apreço.

Encaminhamos, também, para conhecimento, do Sr.ROBERTO MARIA, instruções sobre as atribuições do Representante do CNPq junto às expedições científicas.

Outrossim, informamos a V.Sa. que o original da Autorização em questão deverá ser enviada ao Sr. BAINES através da FUNAI, juntamente com a Autorização para Ingresso em Área Indígena.

Atenciosamente,

GUILHERME EUCLIDES BRANDÃO
Assessoria de Cooperação Internacional
Chefe

MPEG
DIRETORIA
Protocolo N.º 010/89
Entrada 31
Saída
Ass. Soares
às 15:40

MAIS/vcr

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL
EDIFÍCIO CNPq - AV. W3 NORTE - Q. 507/8 - FONE: (061) 274-1165 - TELEX: (061) 1080 - END. TELEG. PESQUISAS
CX. POSTAL: 8120 - BRASÍLIA - DF - CEP 70740
SEP / NORTE - Q. 511 - BLOCO "A" - ED. MITTAN II - TÉRREO